

## O ESTRUTURALISMO EM DELEUZE: A ESTRUTURA SIMBÓLICA

Pedro Ragusa<sup>1</sup>

Pós-doutorando - Universidade Estadual de Londrina  
Professor colaborador - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
pedroragusa@yahoo.com.br

**Resumo:** O objetivo desse artigo será mostrar como Gilles Deleuze pôde descrever o *estruturalismo* como um pensamento, e um método, delimitado por diferenças teórico-metodológicas reconhecíveis através do critério conceitual chamado de *simbólico*. Em 1967 o filósofo Gilles Deleuze escreveu um texto sobre os fundamentos teóricos-metodológicos do estruturalismo, ou melhor dos estruturalismos. Durante os anos sessenta os estudos delimitados pelo que se chamou por estruturalismo(s) tornaram-se a principal referência teórico-metodológica no campo científico, sobretudo para os trabalhos desenvolvidos no interior das ciências humanas, assim, a hipótese que conduziu essa pesquisa foi: como o filósofo pôde reconhecer no critério simbólico uma importante noção para a mobilização teórica dos diversos estruturalismos praticados nos anos sessenta?

**Palavras-chave:** Teoria; Estruturalismo; Deleuze.

### STRUCTURALISM IN DELEUZE: THE SYMBOLIC STRUCTURE

**Abstract:** The purpose of this article is to show how Gilles Deleuze was able to mobilize and describe structuralism as a thought, and a method delimited by recognizable theoretical and methodological differences through the conceptual criterion called the symbolic. In 1967 the philosopher Gilles Deleuze wrote a text on the theoretical-methodological foundations of structuralism, or rather of structuralism. During the sixties the studies delimited by what was called structuralism (s) became the main theoretical-methodological reference in the scientific field, especially for the works developed within the human sciences, so the hypothesis that led to this research was: how could the philosopher recognize in the symbolic criterion an important notion for the theoretical mobilization of the various structuralisms practiced in the sixties?

**Keywords:** Theory; Structuralism; Deleuze.

**Texto recebido em:** 02/09/2019

**Texto aprovado em:** 28/11/2019

---

<sup>1</sup> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9409263650994048>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7564-0975>.

## **Introdução: os estruturalismos, diferenças de um pensamento multilinear**

Em 1967 o filósofo Gilles Deleuze escreveu um texto sobre os fundamentos teórico-metodológicos do estruturalismo, ou melhor, dos estruturalismos. Esse texto só foi publicado em 1973, em uma coleção de história da filosofia dirigida pelo também filósofo François Châtelet, sendo intitulado: *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?* (DELEUZE, 1973, p. 270). Deleuze fez uma complexa e completa descrição epistemológica sobre o método estruturalista e sobre a composição e o funcionamento do conceito de estrutura a partir de sete critérios. Assim, foi possível para o filósofo descrever um quadro conceitual através de diferentes critérios e de diferentes autores reconhecidos como estruturalistas. Para descrever esse quadro conceitual e autoral, o filósofo se utilizou de seu procedimento de “colagem conceitual”, colocando em conexão produções teórico-metodológicas de Lévi-Strauss a Michel Foucault, passando por Roland Barthes, Jaques Lacan e Althusser (MACHADO, 1990, p. 12).

Dessa maneira, objetivo desse artigo será mostrar como Gilles Deleuze pôde mobilizar e descrever o *estruturalismo* como um pensamento, e um método, delimitado por diferenças teórico-metodológicas reconhecíveis através do critério conceitual chamado de *simbólico*. Foi através da “revelação” do simbólico, e das diferentes análises e apropriações teórico-metodológicas sobre a noção de simbólico, que “descobriu-se uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico” (DELEUZE, 1973, p. 270). Assim, a hipótese que conduziu essa pesquisa foi: como o filósofo pôde reconhecer no critério simbólico uma importante noção para a mobilização teórica dos diversos estruturalismos?

Durante os anos de 1960, os estudos delimitados pelo que se chamou por estruturalismo(s) tornaram-se a principal referência teórico-metodológica no campo científico, sobretudo para os trabalhos desenvolvidos no interior das ciências humanas. Foi diante desse cenário marcado por certa hegemonia e indefinição do que se chamava por estruturalismo que Deleuze escreveu seu texto, isto é, em um momento histórico marcado pela grande variedade de posições conceituais e do alcance teórico e prático obtido pelos estudos estruturalistas.

Cabe ainda dizer que a perspectiva deleuziana sobre o estruturalismo foi definida através de uma abordagem epistemológica que “inventou” um estilo de estruturalismo ao reconhecer o simbólico como critério. Dessa maneira, partindo de obras e autores com pesquisas muito diferentes, Deleuze compôs um quadro conceitual articulado através da noção de simbólico que

reconhece *na linguagem estrutural* uma forma de análise para o desenvolvimento de diversos estudos estruturais.

É importante destacar a singularidade desse critério delimitado com a leitura deleuziana sobre o estruturalismo, pois a analítica sobre o simbólico corresponde a uma descrição distinta das abordagens teóricas mais habituais sobre os conceitos de estrutura e estruturalismo, como por exemplo, as análises que recorrem a conceitos como modelo, conjunto e sistema.

Dessa maneira, a opção deleuziana pelo simbólico como critério sobre o reconhecimento do estruturalismo decorre dos próprios textos selecionados e analisados pelo filósofo. Essa seleção ocorreu em domínios científicos diferentes e com linguagens diferentes, assim, a noção de simbólico na mobilização conceitual feita por Deleuze sobre o estruturalismo mostra como esse movimento intelectual foi constituído teoricamente pela multiplicidade de posições teóricas, as quais revelaram o estruturalismo como um movimento híbrido e marcado pela diferença.

### **Sobre o problema estrutural: estruturalismo, estrutura e linguagem**

Logo de saída, Deleuze propõe uma reflexão comparativa entre uma pergunta de outrora em contraste com outra pergunta posta na atualidade em que ele escreve seu texto, assim, o questionamento anterior que ressoou pela inteligência francesa entre os anos de 1940 e 1950 foi: *Que é o existencialismo?*<sup>2</sup> Mas, em 1967 a pergunta passou a ser outra: *Que é o estruturalismo?*

Para o filósofo, a legitimidade dessa questão é histórica antes mesmo de ser epistemológica, isto é, ao ser colocada a questão sobre o que era o estruturalismo em fins da década de 1960, o que se revelou foi um real interesse em definir o lugar teórico de obras que estavam naquele momento exercendo um efeito de influência no pensamento francês através de

---

<sup>2</sup> O existencialismo também foi tema da coleção de *História da Filosofia* organizada por François Châtelet. *Os existencialismos*, escrito por Christian Descamps, dá título ao quinto capítulo do mesmo livro em que se encontra o texto de Deleuze sobre o Estruturalismo. O próximo capítulo será dedicado ao estudo da formação filosófica de Foucault, dessa forma retornaremos ao pensamento fenomenológico associado ao sujeito e que na França deu início ao movimento filosófico chamado de existencialismo (DESCAMPS, 1973).

uma proposta de uma renovação paradigmática<sup>3</sup>, a qual marcou toda uma geração<sup>4</sup> de pensadores na academia francesa.

Dessa forma, estabelecer uma definição epistemológica sobre o que estava se passando sob o nome de estruturalismo nos anos sessenta correspondeu à necessidade em delimitar *como* e *quem* estava naquele momento (1967) realizando de maneira bem-sucedida pesquisas rotuladas como estruturalistas<sup>5</sup>.

Procurando reconhecer quem praticou esse tipo de pesquisa, a resposta deleuziana começa conservadora, isto é, pelo “lugar comum”. Dessa maneira, apresentou-se sob a designação inicial de estruturalista um linguista como Roman Jakobson, um sociólogo como Lévi-Strauss, um psicanalista como Jacques Lacan<sup>6</sup>, um filósofo que renovou a epistemologia como Michel Foucault, um filósofo marxista como Louis Althusser e o crítico literário Roland Barthes junto aos escritores associados à revista *Tel Quel*.

Nesse sentido, tão importante quanto a variedade de domínios que foram explorados nessas pesquisas foi justamente o fato de que cada pesquisador, ao seu modo e de acordo com

---

<sup>3</sup> Por exemplo, na introdução de Michael Peter em *Pós- Estruturalismo e Filosofia da Diferença*, entre os anos de 1950 e 1960 efetivou-se na universidade francesa uma nova forma de pensar que reintroduziu um novo “megaparadigma” transdisciplinar que integrou as ciências humanas e sociais em uma perspectiva otimista quanto a essa integração que sempre foi confusa, mas com a da elevação do nível de cientificidade dessas ciências por meio de um programa estrutural comum em alguns princípios essa integração foi relativamente e temporariamente possível. Cf.: PETER, 2011, p. 9.

<sup>4</sup> De acordo com Foucault, foram muitos os cientistas sociais que aderiram à posição metodológica estruturalista quase que ao mesmo tempo na França. O filósofo se refere aos jovens com menos de 20 anos no período da segunda guerra mundial e que tinham em Sartre e Merleau-Ponty a representação de figuras heroicas, mas que na década de cinquenta passaram a ter seus escritos contestados perdendo parte do prestígio e legitimidade diante da geração do Pós-Guerra. Cf: FOUCAULT, 2011, p. 145-146.

<sup>5</sup> Eduardo Prado Coelho nos adverte em uma introdução para uma coletânea de textos teóricos sobre o estruturalismo organizada por ele mesmo em 1967. Para o autor “*os Estruturalismos*” corresponderam a um conjunto de diversas atividades e manifestações realizadas através de pesquisas e análises praticadas principalmente na França na metade do século XX. Essas atividades circunscreveram domínios díspares, de forma que não deve ser reunida e compreendida num programa comum. Classificar todas as pesquisas que foram reconhecidas como estruturalistas num mesmo bloco homogêneo, ou numa mesma corrente teórico - metodológica significa apagar as diferenças contidas nesse programa a favor de uma falsa unidade representativa (COELHO PRADO, 1967).

<sup>6</sup> O marco inicial para associar o pensamento e o trabalho de Jacques Lacan ao estruturalismo pode ser verificado a partir da frase proferida no décimo primeiro seminário realizado por Lacan em 1964: “O Inconsciente é Estruturado como Linguagem” (LACAN, 1985. p. 27). O estruturalismo que Lacan apresentou como referência teórico-metodológica para seus trabalhos de fato aparece com os seminários dos *Écrits* (estudadas por Deleuze no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*). A partir de 1953 através da influência do trabalho de Lévi-Strauss, Lacan toma conhecimento do *Cours de Linguistique Générale*. A leitura de Lacan sobre Saussure lhe renderá em 1957 o importante texto: *L’instance de la lettre dan’s l’inconscient* (A instância da letra no inconsciente), marcado por um vocabulário próprio do curso de Saussure. Nesse texto, Lacan declara toda sua adesão ao estruturalismo via linguística estrutural, citando tanto Saussure como Jakobson, como podemos confirmar com a seguinte passagem: “É toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”. Cf: LACAN, 1967, p. 257-288; DOSSE, 2007, p. 139-163.

o domínio no qual se encontrava suas investigações, pôde reconhecer uma *linguagem estrutural* que possibilitou a abertura de um campo teórico com problemas, métodos (procedimentos de pesquisa) e soluções. Esses diferentes caminhos pelos quais pôde ter sido introduzida uma linguagem estrutural vieram a ser chamados de estruturalismo. Segundo Deleuze, o estabelecimento de certas relações de analogia tornou possível a formação de um certo “espírito do tempo estrutural”.

Assim, Deleuze atribuiu à disciplina da linguística o campo teórico fundador do estruturalismo, mas a “origem” científica do estruturalismo posto pela disciplina da linguística não se deu por um único caminho, nem por uma única tradição, isto é, o curso de Saussure e o consequente “corte saussuriano,”<sup>7</sup> comumente considerado a principal referência e “pedra angular” para o surgimento de uma linguística científica e estruturalista, foi acompanhado pelos estudos originários no leste Europeu chamados de estudos formalistas. Dessa maneira, para Deleuze, tão importante quanto a influência teórica do curso póstumo do linguista suíço, as contribuições das escolas de Moscou e de Praga devem ser consideradas igualmente importantes para o surgimento do discurso-gênese do estruturalismo.

O pensamento e o método estruturalista a partir de sua origem com os estudos linguísticos estendeu-se para outros domínios científicos. Contudo, essa extensão não ocorreu simplesmente pela superioridade e pelo desenvolvimento epistemológico mais avançado do modelo teórico desenvolvido pela linguística com relação às suas vizinhas ciências humanas<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> O termo é quase que senso comum para o estudo do estruturalismo, tendo em vista que a maioria daqueles que declararam ser pesquisadores estruturalistas optaram por essa via. O “corte Saussuriano” resumidamente significa que as análises estruturais nas ciências humanas em solo francês têm seu fundamento no método de análise formal e sincrônico da língua ensinado pelo linguista suíço Ferdinand Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*. Maria do Rosário Gregolin comentou sobre a contribuição de Saussure: “No contexto francês é interessante notar que a incorporação dos conceitos saussurianos acontecerá primeiro em disciplinas como a antropologia e a sociologia e só depois alcançará a linguística propriamente dita. (...). Por isso, o movimento estruturalista empreende um constante retorno a Saussure. O Curso de Linguística Geral foi interpretado como o momento de um corte entre uma linguística pré - científica e uma linguística fundada em hipóteses e métodos rigorosos, como momento de instauração da “ciência do signo”: a abordagem descritiva, a prevalência dos sistema, a preocupação em definir as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos; a ideia fundamental da arbitrariedade do signo; a visão da língua como sistemas de signos a partir do princípio semiológico (teoria do valor); a noção de sistema, que propõe uma postura abstrata conceitual, pois cada elemento é relacional, tira seu valor da relação; a oposição sincronia/diacronia. (...)”. In. GREGOLIM, 2006, p. 20-23. Dosse também demarca essa influência da linguística para as ciências humanas no quadro geral do estruturalismo. Cf: DOSSE, 2007.

<sup>8</sup> Podemos tomar essa posição de Deleuze como uma crítica, ou pelo menos uma contraposição, a Lévi-Strauss em seu texto “*A Análise Estrutural em Linguística e Antropologia*”, publicado no livro *Antropologia Estrutural* de 1958. Lévi-Strauss sustenta a tese de que a análise da linguagem realizada por Saussure e seus sucessores das escolas de Moscou e Praga foram análises do tipo linguístico-estrutural, e que serviu de modelo a ser transposto para as ciências humanas. Os linguistas teriam fornecido aos etnólogos um modelo de explicação teórica para as relações de parentesco e matrimônio entre “povos primitivos” análogo ao qual eles procedem com as análises

Deleuze contesta a perspectiva sobre o desenvolvimento histórico-epistemológico do estruturalismo como simples apropriação metodológica, isto é, como transposição de um método eficaz em determinado domínio científico para outro. Para o filósofo, o estruturalismo possui sua eficácia como “método revolucionário”, não é uma repetição do mesmo, mas a criação e a invenção de diferentes perspectivas, nesse sentido, como escreveu Deleuze, o estruturalismo não se trata:

[...] De analogia: não é simplesmente para instaurar métodos “equivalentes” aos que antes tiveram êxito na análise da linguagem. Na verdade, só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem esotérica ou mesmo não – verbal (DELEUZE, 1973, p. 272).

Desse modo, só pode existir algum tipo de estrutura como, por exemplo, uma estrutura do inconsciente, na medida em que o inconsciente *fala sua própria linguagem*, trata-se então de decifrar como essa linguagem pode ser estruturada em séries diferentes, (séries como o sonho ou o desejo). Assim como só pode existir estrutura dos corpos na medida em que se estabelece um juízo pelo qual os corpos falem por seus sintomas, ou com relação à própria linguagem dos signos que faz com que as coisas possuam uma forma estrutural, na medida em que a linguagem das coisas se coloca como discurso silencioso só pode adquirir som com a análise de sua estrutura dada alguma linguagem.

Portanto, a partir dessa delimitação sobre a origem e o desenvolvimento do método estruturalista através de uma análise sobre a linguagem, adiante serão caracterizados os conceitos de estrutura e de estruturalismo a partir da mobilização da noção de simbólico efetuada por autores reconhecidos por Deleuze como estruturalistas.

### **O estruturalismo como pensamento sobre o simbólico: a estrutura triádica**

O primeiro critério apontado por Deleuze para o reconhecimento do método estruturalista e de um objeto estrutural foi a descoberta de uma terceira ordem, de um terceiro reino: *o simbólico*. Mas para tratarmos desse critério objetivamente é necessário que antes

---

sobre os fonemas. A linguística assumiria assim a condição de “ciência-piloto” nesse programa de análise estrutural, sendo a disciplina com maior desenvolvimento científico, inclusive aproximando-se das ciências exatas na interpretação de Lévi-Strauss, assim a linguística ocupou um *lugar excepcional* no rol das ciências no início do século XX, justificado pela realização de seus *progressos* no campo científico serem de longe maiores do que os de suas vizinhas ciências humanas. Cf: LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 57-86.

sejam feitas algumas caracterizações sobre como funciona nosso pensamento a partir da relação entre real e imaginário. A distinção e a correlação entre real e imaginário são práticas comuns entre os pensadores (filósofos) independentemente da escola e tradição filosófica, afinal “todo nosso pensamento mantém um jogo dialético entre essas duas noções” (DELEUZE, 1973, p. 272). Dessa forma, para o discurso filosófico clássico (cânones da filosofia como Platão, Descartes, Kant e Hegel), o tema da “razão pura” e do entendimento puro, correspondem a uma faculdade definida pela capacidade e aptidão da consciência para a apreensão do “real” em sua profundidade, em sua “real verdade”. Isto é, o “real” como ele é de fato, essa perspectiva sobre a realidade verdadeira deve manter certa oposição como também uma relação com as ideias produzidas na consciência.

Essa relação de oposição entre real (matéria) e imaginário (ideias) não se dá somente no âmbito da filosofia clássica; movimentos artísticos e até científicos também corroboram dessa clivagem. Segundo Deleuze, os movimentos artísticos como o surrealismo e o simbolismo, o movimento literário chamado de romantismo, possuem “o ponto transcendente em que real e imaginário se penetram e se unem, ora sua fronteira aguda, como o gume de sua diferença” (DELEUZE, 1973, p. 273). Mas em todas essas maneiras de compreender o homem, o real e o pensamento, a oposição entre real e imaginário ainda permanece.

Deleuze atribui até para as análises psicanalíticas de Freud a perspectiva teórica de apresentarem uma dialética entre real e imaginário, isto é, a posição científica do método psicanalítico de Freud para a decodificação dos dois princípios que alimentam nossa consciência: o de *realidade*, com sua força de decepção e desencantamento sobre o mundo, em oposição ao princípio de *prazer*, com poder de satisfação alucinatório e experimentado pelo imaginário.<sup>9</sup>

Reconhecer a prática do método estruturalista pelo critério simbólico corresponde a encontrar uma linguagem, visto que só pode se constituir como símbolo um determinado objeto que represente e signifique um outro objeto, como por exemplo, o signo linguístico-comunicativo, a coisa representada por ele. Assim, o simbólico constitui-se já em sua origem conceitual como um *objeto relacional e estrutural*, mas isso não significa que seja possível falar em uma linguagem simbólica como puro reflexo ou como espelho entre mundo e signo. Ao

---

<sup>9</sup> Ainda sobre métodos científicos postos pela oposição real – imaginário o autor cita Jung e Bachelard, e suas complexas relações quanto ao imaginário e o real por comportarem-se como uma unidade transcendente pautada num tenso limiar entre a fusão e o corte. Cf: DELEUZE, 1973, p. 272.

contrário, isto é, a linguagem simbólica na perspectiva estrutural delimitada por Deleuze estabelece justamente como o ponto de partida uma relação de diferença entre signo, significante e coisa significada (DELEUZE, 1973).

Não se trata de um símbolo que estabeleça a unidade e a identidade entre realidade-sensível e imagem-consciência. Essa *diferença* se dá na interação linguística de produção de sentido e significados a partir da complexa relação entre: coisa-mundo-real e imagem-significado-conceito. Dessa forma, para que seja possível separar da tradicional relação dual (consciência e objeto) uma terceira ordem chamada de uma *estrutura<sup>10</sup> simbólica*, cuja existência está atrelada a um *espaço* ordenado por *posições linguísticas*, foi necessário antes o desenvolvimento de um estilo de reflexão sobre a linguagem e mais especificamente sobre a produção e o sentido das palavras dentro de uma determinada língua.

Assim, foi diante dessa problemática linguística que se pôde evidenciar o *caráter triádico* da estrutura, 1,2,3, *real-imagem-posição da linguagem*. Williams, ao comentar esse primeiro critério apresentado no texto de Deleuze, apontou para o papel da linguagem no processo de independência e constituição da estrutura para além do real e do imaginário.

O ponto de Deleuze é que a estrutura é importante porque é algo mais do que compreendemos ser a coisa objetiva ou o que imaginamos serem as coisas. Ao invés disso, a estrutura deve ser independente daquelas coisas, ainda que parte do que as torna completas para o pensamento. A linguagem é o que permite esta independência, mas também esse papel constitutivo (WILLIAMS, 2013, p. 87).

Então, para além do real e do imaginário, Deleuze nos apresenta o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo como a descoberta de uma terceira ordem através das análises dos “linguistas estruturalistas”. As análises originárias com linguistas estruturalistas do leste europeu pôs fim à confusão entre o conteúdo da linguagem simbólica com os conteúdos dos elementos constituídos no real e do imaginário. O simbólico passou a ser compreendido como expressão que dá forma para uma estrutura linguística, isto é, não é coisa, nem imagem, mas sim uma *posição<sup>11</sup>*.

---

<sup>10</sup>Cf.: WILLIAMS, 2013, p. 87. Williams ao comentar a noção de estrutura no texto de Deleuze nos indica que o filósofo francês postula como lugar de existência da estrutura o campo da linguagem, assim só pode existir estrutura “(...) onde há linguagem, e não onde haja coisas ou mentes”.

<sup>11</sup> Deleuze afirma que o critério definido por ele como simbólico constitui a “*posição de uma ordem*”, mais profunda que o real e o imaginário, e que portanto trata-se de um local e ou de uma posição, esse será o segundo critério para o reconhecimento do estruturalismo, e será discutido mais a frente, contudo é de difícil definição conceitual esse lugar ou espaço, assim ele não define formalmente em que consiste o elemento simbólico, mas afirma aquilo que este elemento não pode ser, como uma estrutura, que corresponda a algum elemento simbólico



Trata-se de uma posição para a linguagem em uma ordem simbólica, identificada na língua (*langue*) como um sistema possível de produção de significados a partir da mudança de elementos quando se produz a fala (*parole*), isto é, pela articulação e permuta dos fonemas na produção de palavras<sup>12</sup>. Assim, coube ao linguista estruturalista descobrir um objeto novo, com natureza completamente diferente daquilo que a ciência e a filosofia já puderam objetivar, o linguista estruturalista descobre o *objeto estrutural*.

(...) Para além da palavra em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o linguista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, o objeto estrutural (DELEUZE, 1973, p. 273).

Então, qual o avanço e o limite epistemológico obtido com as análises estruturais sobre o elemento simbólico? Segundo Deleuze, com a “revelação” da ordem simbólica surge um terceiro elemento para a construção do entendimento da realidade. Assim, evita-se o *jogo dialético* de articulação entre real e imaginário. O simbólico constitui uma espécie de terceira ordem, com uma função relacional muito específica<sup>13</sup> e precisa. A análise da linguagem simbólica não se refere à associação ou fusão entre realidade + imagem (1+2) como resultado ou correlação. Para a análise estrutural, o elemento simbólico existe como uma posição que “costura”, como uma “trança”, um conjunto de elementos dispostos que compõem um quadro estruturado entre o real e a imagem em um espaço estrutural composto por posições simbólicas.

---

com forma sensível, nem com alguma figura da imaginação, nem como alguma essência passível de inteligibilidade. Cf. DELEUZE, 1973.

<sup>12</sup> Aqui a referência de Deleuze ao linguista estruturalista que estudou o fonema pode ser interpretada no seguinte sentido: O método estruturalista em linguística tem sua origem atrelada ao *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Ferdinand Saussure, a difusão das ideias contidas nesse curso chegaram a França por intermédio de Lévi – Strauss, via antropologia, (é curioso notar que as ideias de Saussure chegaram na França primeiro nas ciências humanas e só depois nas ciências linguísticas), contudo Lévi-Strauss só teve contato com essas ideias após seu encontro com o linguista russo Roman Jakobson em Nova York em 1942. Jakobson por sua vez, foi o fundador do círculo linguístico de Moscou em 1915, com a tarefa de promover a linguística e poética na Rússia, no caso de Jakobson o grande impulso para os estudos linguísticos foram dados pelo formalismo e pelo futurismo. Foi então somente em 1920, em Praga que Jakobson teve contato com o curso de Saussure, mas a grande e decisiva influência para o desenvolvimento da análise estrutural dos fonemas por Jakobson foi dada pelo príncipe Russo Nicolai Trubetzkoy, estudioso dos *fonemas* pode participar de maneira decisiva da renovação dos estudos da linguística como disciplina científica em grande medida graças a seus estudos sobre fonologia. Cf.: DOSSE, 2007, p. 53-54; p. 93-100.

<sup>13</sup> Segundo Williams, Deleuze não procura afirmar que o estruturalismo seja um método que se ocupe com a questão das relações entre o imaginário e o real. Não se trata de relacionar aquilo que passa em nossa imaginação com coisas reais que percebemos. O estruturalismo na versão expressa por Deleuze não se preocupa em explicar a divergência ou a identidade entre mundo mental e mundo dos objetos, mas, ao invés disso, Deleuze está preocupado em apresentar uma região simbólica em que de fato nada tem a ver com símbolos enquanto algo que esta conectando o que imaginamos com o que percebemos, mas sim do espaço que possibilita a circulação de séries e seus elementos diferencias que as constituem. Cf.: WILLIAMS, 2013, p. 87-88.

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze refere-se a uma noção triádica para caracterizar a estrutura simbólica, isto é, a estrutura deve ser similar a uma ordem espacial dita simbólica, uma vez que a estrutura existe com a função de elo ao tecer as séries real e imaginário<sup>14</sup>. Dessa forma, o real tende a ser um e fazer-se um em sua totalidade que está sempre aberta. Já o imaginário deve ser duplo, pois está sempre se desdobrando desse real e seguindo caminhos com múltiplas variações. Assim, a ordem simbólica é terceira, isto é, *triádica*, pois essa ordem corresponde a um “entre” com a função própria de fazer o “movimento desse jogo”<sup>15</sup>, dessa maneira, o elemento simbólico faz as séries circularem pelo espaço estrutural, tornando possível a atualização da estrutura justamente a partir do movimento interno das séries de elementos<sup>16</sup>.

Segundo Deleuze, foi Jacques Lacan quem formulou um conceito-imagem sobre um *terceiro pai* que ganha materialidade na linguagem sob a forma de *Nome do pai*, mas que vai muito além do pai real, (o pai na carne e na experiência vivida) esse terceiro pai se manifesta por símbolos “fantasmagóricas” sobre diversos pais ideais. O que Lacan fez foi revelar um terceiro pai mais fundamental que o pai-realidade e os pais-imagens já conhecidos pela psicanálise. A descoberta desse terceiro pai, ou *Nome do Pai*, como elemento linguístico-simbólico representa que o signo-pai, ao menos para nossa consciência, não seja composto somente pelo pai real e pelas imagens de pai, mas pelas tensas perturbações dessa relação ao

---

<sup>14</sup> Alexandre Salles de Carvalho propõe a realizar um estudo da noção de estrutura no livro de 1969 *Lógica do Sentido*, no livro a conceito deleuzeano de *série* aparece na sexta-série, uma espécie de sexto capítulo, enquanto o conceito de estrutura aparece somente na oitava série, por isso ele fala em série antes de definir a estrutura. Nós, como estamos focados no artigo escrito em 1967 por Deleuze: *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo*, só iremos comentar sobre as *séries* mais adiante, uma vez que seguindo os critérios do próprio Deleuze o *critério Serial*, correspondentes as *séries* será apresentado somente como quinto critério de reconhecimento do estruturalismo.

<sup>15</sup> Podemos perceber que Deleuze propõe uma interpretação do estruturalismo que o remete ao *jogo*, no sentido de suas ordens de posições que definem os lances dos jogos, seja como um jogo de cartas. Deleuze estudou o texto: *A carta Roubada*, de Lacan, como referência a jogos de tabuleiro e suas posições fazendo referência a Lévi-Strauss.

<sup>16</sup> Mas o que torna as estruturas atuais? Ou melhor, o que existe de atual numa estrutura? Deleuze aponta para um tempo recortado, repartido e de modificação por diferentes durações na relação entre passado - presente, *o que é atual é aquilo que a estrutura se encarna ou antes aquilo que ela constitui encarnando-se*. Elas são atuais porque é a partir da estrutura que se destacam os acontecimentos singulares que as modificam aquilo que já foram, assim *“a estrutura é um espaço para a existência de singularidades temporais que à atualizam no tempo”*. Dessa maneira, a estrutura modifica-se no tempo e pelo tempo, são as modificações das relações diferenciais de uma estrutura que constituem as próprias modificações entre a ordem dos espaços e das posições que vem a ser preenchidas por seres reais, são essas alternâncias de preenchimentos dessas posições no *espaço relacional* que modificam e diferenciam a estrutura, tornando-a sempre atual e móvel, com um tipo de mobilidade em várias dimensões e direções para com as relações estruturáveis, tanto verticalmente quanto horizontalmente, diagonal ou transversalmente. Através dessa caracterização temporal da estrutura, obtém-se o caráter *“acontecimental”* e *temporal* para a estrutura no estruturalismo reconhecido por Deleuze. Da estrutura, pode-se dizer, ser: *real sem ser atual, ideal sem ser abstrata*. DELEUZE, 1973, p. 276.

ser pensada como limite de um processo no qual seja possível a constituição a partir do simbólico.

Já possuímos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. Em todos nossos dramas passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jaques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai (DELEUZE, 1973, p. 273).

Assim, o simbólico é profundo, está para além da palavra e do som, além do conceito e da imagem, isto é, tanto os conceitos como as imagens e os sons e as palavras, constituem uma “superfície de contato” para que a consciência do sujeito crie seus significados. Dessa maneira, a posição colocada pelo estruturalismo para o conhecimento foi além do alcance teórico da clássica dualidade entre a sujeito e objeto. Para Deleuze, o que se convencionou reconhecer sob a égide do estruturalismo foi de maneira esquemática a possibilidade de pensar e investigar diversos campos de vida social, política e cultural, dada as várias perspectivas que reconheçam em suas análises o elemento simbólico.

Nesse sentido, a primeira conclusão sobre o pensamento e o método estruturalista como atividade de conhecimento na interpretação deleuziana apontou para a oposição sobre qualquer análise que ofereça privilégio para algum sujeito do saber, isto é, com relação à existência de alguma consciência que conheça de fato a realidade sensível e experimentável. A perspectiva de Deleuze sobre o estruturalismo também é contrária ao privilégio da imaginação e da ideia como uma espécie de “poder” superior da razão, o qual mantém com relação ao real a finitude de seus limites.

Logo, o estruturalismo ao contrário da fenomenologia não deve tratar do que pode ser mostrado e daquilo que apareça no real, ou sobre aquilo que possa ser imaginado após ter sido percebido, mas antes, o estruturalismo na posição de Deleuze, já como um método para o conhecimento preocupa-se com as condições estruturais pelo qual o real e a imaginação possam existir, fazendo com que o pensamento possa se libertar das referências tanto de uma realidade ilusória como também da limitada imaginação humana (WILLIAMS, 2013).

Lacan<sup>17</sup>, em seus *Ecrits*, de forma original foi quem mais longe levou as análises de distinção entre real, imaginário e simbólico. Inclusive, essa distinção, segundo o filósofo

---

<sup>17</sup> O exemplo de Lacan sobre o terceiro-pai é retomado por Deleuze na perspectiva de distinção entre real, imaginário e simbólico, essa retomada visa estabelecer a partir de um exemplo encontrado numa análise de Lacan o significado desses elementos. Porém essa distinção deve ser cuidadosa, uma vez que o real em si mesmo não é totalmente separável do ideal. O real possui a tendência de fazer o um, e deve ser uno em sua verdade como coisa.

francês, marcou as pesquisas de todos aqueles que se reconheceram como estruturalistas, o que deixa claro a importância da noção de ordem simbólica como artefato da linguagem, da produção de mitologias e ou da libido. Deleuze atribuiu a Lacan, assim como a outros estruturalistas, que o simbólico, como característica reconhecível em determinada estrutura, está no “(...) princípio de uma gênese (...)” (DELEUZE, 1973, p. 275.). O que ele quer dizer com isso?

De fato, a estrutura instala-se no quadro conceitual de Deleuze não como um conceito posto por um “materialismo puro”, pelo qual a estrutura deriva da realidade concreta, ou de imagens, como subprodutos dessa realidade. Mas ao contrário dessa perspectiva, a estrutura ganha vida ao se encarnar nas realidades vividas e nas imagens pensadas; a estrutura constitui na verdade tanto um espaço para posições da realidade quanto para as imagens, sendo a um só tempo “(...) subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação” (DELEUZE, 1973, p. 275). Assim, temos na estrutura o espaço para posições ocupadas por elementos simbólicos diferenciados do real e do imaginário, sendo antes o espaço estruturado mais profundo que realidade e imagem.

Portanto, podemos delimitar como o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo consiste na caracterização da estrutura como uma posição em uma ordem simbólica que não é de maneira nenhuma redutível tanto à ordem primeira do real, nem à ordem segunda do imaginário. Assim, o conceito de estrutura para Deleuze foi caracterizado enquanto uma posição de ordem simbólica da seguinte maneira:

Podemos dizer, pelo menos, que a estrutura correspondente não tem nenhuma relação com uma forma sensível, nem com uma figura da imaginação, nem como uma essência inteligível. Nada a ver com uma forma: porque a estrutura de forma alguma se define por uma autonomia do todo, por uma pregnância do todo sobre as partes, por uma *Gestalt* que se exerceria no real e na percepção; estrutura se define, ao contrário, pela natureza de certos elementos atômicos que pretendem dar conta ao mesmo tempo da formação dos todos e da variação de suas partes. Nada a ver também, com figuras da imaginação, embora o estruturalismo seja inteiramente penetrado de reflexões sobre a retórica, metáfora e a metonímia; porque essas próprias figuras

---

Já o imaginário vai-se desdobrar desse uno compondo um duplo, como imagem-pai clivada e projetada em outras pessoas como assinalou Carvalho, assim o imaginário exerce sua ação no real, e não fora dele num mundo ideal, por isso real e imagem não são totalmente separáveis. Já o imaginário que é dois, por sua vez segundo Deleuze, “*o imaginário define-se por dois jogos de espelho, de desdobramento, de identificação e de projeção invertidas, sempre sob o modo do duplo*”, mas o simbólico enquanto terceira ordem não está somente para além do real e do imaginário, como o três está para além do dois e do um. Este terceiro é ao mesmo tempo irreal e não-imaginável, “*existe sempre a procurar no próprio simbólico a estrutura, que assim torna-se triádica, e sem o qual ela não poderia “circular”*”. DELEUZE, 1973, p. 274.

implicam deslocamentos estruturais que deve dar conta ao mesmo tempo do próprio e do figurado (DELEUZE, 1973, p. 276).

Portanto, o estruturalismo não tem nada a ver com um estilo de pensamento e prática teórico-metodológica que remetam à descoberta da essência de algum determinado objeto. O estruturalismo não procura por essências porque a estrutura se compõe por uma combinatória de relações temporais, isto é, históricas. Essas relações atualizam-se pelos elementos formais<sup>18</sup> que as compõem. De acordo com Deleuze, essa perspectiva foi demonstrada por Louis Althusser: o filósofo marxista “assinalou o estatuto da estrutura como idêntico a própria ‘Teoria’ – e o simbólico deve ser entendido como a produção do objeto teórico original e específico” (DELEUZE, 1973, p. 275).

### Considerações Finais

O pensamento e o método reconhecidos como estruturalismo foram marcados por suas diferentes abordagens e distinções teóricas oriundas dos diversos domínios no qual pode ser encontrada uma linguagem estrutural, pela qual, em cada domínio foi possível delimitar conceitualmente a noção de simbólico. Essa posição do filósofo não atribui ao que se reconhece como estruturalismo uma identidade constituída por uma representação que se encarna em determinada prática teórico-metodológica comum a um conjunto de domínios e autores. Antes, a proposta de Deleuze é possibilitar uma interpretação do pensamento estruturalista como um pensamento pluralista e sem imagem<sup>19</sup>.

Dessa maneira, o pensamento estruturalista na posição de Deleuze não representou o aparecimento e o desenvolvimento de um modelo teórico-metodológico homogêneo para as análises estruturais sobre a sociedade, sobre o inconsciente, sobre o valor e sobre a literatura. Ao contrário disso, o pensamento estruturalista no artigo de Deleuze é marcado pela apresentação de diferentes práticas teóricas e metodológicas para analisar, descrever e conhecer

---

<sup>18</sup> Os elementos formais são classificados de maneira tipológica no interior da estrutura, pois segundo Deleuze esses elementos formais, “*em si mesmos, não tem forma, nem significação, nem representação, nem conteúdo, nem realidade empírica dada, nem modelo funcional hipotético, nem inteligibilidade por detrás das aparências (...)*” (DELEUZE, 1973, p. 275).

<sup>19</sup> MACHADO, 1990. Roberto Machado afirma que podemos de uma maneira geral entender que a geografia do pensamento realizada por Deleuze compreende duas dimensões para o pensamento, sendo a primeira: “O espaço da imagem do pensamento, que é dogmático, ortodoxo, metafísico, moral e racional (...) e o espaço do pensamento sem imagem, que é pluralista, heterodoxo, ontológico, ético e trágico”.

o funcionamento de objetos a partir de uma complexa noção de estrutura que vai sendo construída durante o texto.

Assim, o estruturalismo constitui-se como um pensamento que não é passível de associação a uma identidade representativa, isto é, que seja comum entre os diversos participantes desse estilo de pensamento. Os critérios de reconhecimento do estruturalismo foram apontados com a intenção de afirmar as diferenças internas que constituem o pensamento estrutural a partir da seleção de um grupo de autores<sup>20</sup> com destaque e prestígio acadêmico entre os anos de 1950 e 1960.

Dessa forma, o movimento ou o pensamento estruturalista foi delimitado por Deleuze não por uma teoria geral que possa sistematizá-lo como prática científica, no sentido de sua inserção dentro de normas que limitam as ações científicas com o intuito de institucionalizar um procedimento metódico e rígido.

Toda essa caracterização do estruturalismo a partir da noção de simbólico, revelou dois grandes traços da análise estrutural, por um lado tem-se o traço mais agressivo dessa atividade metodológica, pois, ao apresentar a categoria do simbólico como objeto de análise, os estruturalistas *denunciaram* um profundo desconhecimento das ciências humanas sobre o pensamento e a realidade humana para além do real e do imaginário. Outro traço revelado sobre as análises estruturais foi menos agressivo e mais interpretativo, isto é, representou o processo de releitura e renovação da interpretação de importantes teorias, “pretende-se descobrir um ponto original onde se faz a linguagem estrutural, elaboram-se as obras, unem-se as ideias e as ações” (DELEUZE, 1973, p. 275).

Dessa maneira, obras e unidades do pensamento como freudismo e o marxismo, com grande influência sobre os estudos em ciências humanas, podem ser relidas à luz de uma nova abordagem, mais profunda. E, mais ainda, segundo Deleuze, são as próprias obras míticas, filosóficas e poéticas que estão sujeitas a uma grande reinterpretação estrutural. Mas o detalhe é que esse movimento (re)interpretativo só possui valor na medida em que anima obras novas, ou seja, como alertou Roberto Machado<sup>21</sup>, sobre o papel da filosofia e do pensamento para

---

<sup>20</sup> Dentre esses autores que irão figurar em seu texto, temos Lévi-Strauss, que inclusive é o mais citado, Roland Barthes, Louis Althusser e seu grupo, Jaques Lacan e Michel Foucault, este foi o segundo autor mais citado por Deleuze.

<sup>21</sup> Segundo Roberto Machado, a filosofia, como a ciência, a arte, e a literatura, se definem para Deleuze por sua capacidade e por seu valor de criação, no que toca a filosofia o que importa é criar conceitos. Cf: MACHADO, 1990, p. 4.

Deleuze como agentes criativos de novas obras e novos pensamentos, uma vez que o simbólico é fonte de uma inseparável interpretação e viva criação. Portanto, o que caracteriza de maneira fundamental o estruturalismo ao ser reconhecido por Deleuze através da noção simbólico é que ele possibilite enquanto pensamento a criação de algo novo (DELEUZE, 1974. p. 276).

## Referências Bibliográficas

- ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.
- ALTHUSSER, Louis. **Ler o Capital**, obra coletiva, Tomo II. 1965. Edições Maspéro.
- CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- COELHO, Prado Eduardo. **Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos**. In: **Estruturalismo: Antologia de Textos teóricos**. São Paulo. Editora: Martins Fontes. 1967.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro. Editora Graal. 2006. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora. Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Editora Perspectiva. 2011.
- DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. Les Éditions de Minuit. 2002.
- DELEUZE, Gilles. O Atual e o Virtual. In: ALLIEZ, Éric. **Deleuze: filosofia virtual**. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- DESCAMPS, Christian. Os Existencialismos. In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O Campo do Signo**. Bauru/SP. Editora: Edusc. 2007.
- ECO, Humberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo. Editora Perspectiva. 2007.
- FOUCAULT, Michel. Linguística e Ciências Sociais. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição. 2013.
- FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição. 2013.
- FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de**



**Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3º Edição. 2013

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir, o Nascimento da Prisão.** Rio de Janeiro. Editora: Vozes. 2003.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** São Paulo. Martins Fontes. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Raymond Roussel.** Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1999.

JUNIOR, Bento Prado. A Ideia de Plano de Imanência. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze: Uma vida Filosófica.** São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

LACAN, Jacques. Seminário: **A Carta Roubada.** 1956. In: *Écrits.* Paris: Seuil. 1966.

LACAN, Jacques. “O Inconsciente é Estruturado como Linguagem” In: Seminário – livro 11. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.** Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar. 1985

LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução aos Estruturalismos.** São Paulo. Editora. Herder: 1972.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Ciência e o Saber.** Rio de Janeiro: Ed. JZE. 2006.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Filosofia e a Literatura.** Rio de Janeiro: Ed. JZE. 2001.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia.** Editora. Graal. Rio de Janeiro. 1990.

MACHADO, Roberto. **Deleuze a Arte e a Filosofia.** Rio de Janeiro. Editora: Zahar. 2009.

MATTOSO, João Câmara Junior. O Estruturalismo Linguístico. In: **Estruturalismo: Grandes nomes nacionais ou estrangeiros.** Revista: Tempo Brasileiro, Edição especial dedicada ao tema do estruturalismo de 1973.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-Reconciliado.** São Paulo. Editora: Perspectiva. 2015.

PETER, Michael. **Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença.** Editora. Autentica. Belo Horizonte. 2010.

PIAGET, Jean. **O Estruturalismo.** São Paulo. Editora Difel. 1979.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Os filósofos da tormenta, Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida.** Rio de Janeiro. Editora: Jorge Zahar Editor. 2007. p. 23.

SAFATLE, Vladimir: Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. In: **O Mesmo e o Outro. 50 anos de História da Loucura.**

Organização: Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, e Alfredo Veiga – Neto. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2013.

SALES, Carvalho Alexandre. **DELEUZE E A LÓGICA DO SENTIDO: O PROBLEMA DA ESTRUTURA**. Publicado na revista Trans/Form/Ação. Revista do departamento de pós-graduação da Unesp. Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006. Artigo recebido em jan/06 e aprovado para publicação em nov/06.

SARTRE, Jean-Paul. Entrevista de Jean – Paul Sartre para L`arc. In: **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**. Organizada por: Eduardo Prado Coelho. São Paulo. Martins Fontes. 1967.

VALLEJO, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. In: Vallejo, M. & Rodríguez, F. **El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur**. (Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2011.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia Estrutural**. São Paulo. Editora: Cosac Naify. 2008.

WILLINAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2013.